

Banir os sacos de plástico para salvar o planeta?

Boletim do Instituto IDEAIS – BI 17/09/2015

Fonte: FranceTV - Leia matéria completa, francês, em: <http://bit.ly/IDEAIS16092015>
tradução livre

O saco plástico, não é fantástico?

A ministra Ségolène Royal anunciou na sexta feira: sacos de plástico descartáveis devem ser proibidos nas lojas a partir do primeiro de janeiro e substituídos por sacolas reutilizáveis ou sacolas biodegradáveis.

Haveria urgência para salvar os oceanos, cheios com bilhões de partículas de plástico que são ingeridos por animais, causando carnificina na fauna marinha.

O comunicado de imprensa não se priva ao exagerar a magnitude desta decisão, afirmando que "17 bilhões de sacos plásticos são consumidos na França, dos quais 8 bilhões acabam na natureza."

Além de que o valor de 17 bilhões de sacolas consumida na França ser uma estimativa bastante antiga, os "oito bilhões de sacos descartados na natureza" - que sugerem ser a quantidade que os franceses atiraram de sacos plásticos na natureza, o que parece enorme – é o modelo para todo o conjunto da Europa.

Na verdade, apenas 1% dos sacos utilizados na França pode acabar na natureza, ou seja, cerca de 150 milhões. Mesmo que esta quantidade na França caísse para zero, o que representa menos de 2% do total europeu, nada vai mudar muito.

Há também o fato de que os sacos de plástico "permanecem 400 anos na natureza." Uma vez que o saco de plástico foi inventado em 1965, ninguém sabe o que acontece com o saco no meio ambiente durante 400 anos (ou mil anos, como declarou o governo britânico).

O custo da proibição

Você tem que começar por algum lugar, diria você; proíbam os sacos plásticos que já será um primeiro passo. Mas isso é esquecer os efeitos perversos que decisão tão simbólica e o enorme impacto midiático (todo mundo vai saber que a França e sua ministra vão salvar o planeta) causado.

Sacolas reutilizáveis também têm um impacto ambiental. Boa parte delas também acaba na natureza, o único interesse é que elas serão reutilizadas. Mas como elas precisam ser mais fortes, ou feitas com outros materiais, as emissões de gases de efeito estufa são maiores. De acordo com alguns estudos, você terá que usar cerca de 200 vezes um saco de algodão e três vezes um saco de papel para gerar menos carbono do que um saco de plástico

descartável. É possível, desde que ao menos estas sacolas reutilizáveis não fiquem abandonadas num canto, acumulando poeira.

Usadas várias vezes para o transporte de alimentos, sacolas reutilizáveis têm outra desvantagem: bactérias acumulam-se e prosperam confortavelmente no porta-malas do carro.

Na Califórnia, onde os sacos de plástico são proibidos há mais tempo, existem coliformes fecais em quase metade das sacolas reutilizáveis. Não importa: para impedir que sua sacola de compras seja responsável pela sua próxima gastroenterite, lave-a regularmente. Isso aumenta ainda mais um pouco o seu custo ambiental: ela terá que usar detergentes e água. Se você usar um detergente ambientalmente amigável, você vai descobrir rapidamente que ele é realmente eficaz só com água quente; seu uso de energia e as emissões de gases de efeito estufa vão aumentar.

A menos que o resultado seja simplesmente para incentivar os consumidores a preferir colocar na sua sacola produtos hermeticamente embalados ... **em plástico**. Mas quando você vai às compras, a sacola de plástico contendo suas compras constitui apenas 1% do total do seu impacto ambiental; 7% vem da embalagem do produto; todo o resto dos impactos ambientais vem dos próprios produtos que você compra.

Parar de usar sacos de plástico vai reduzir o seu impacto ambiental de forma imperceptível; e tem uma boa chance de, em última instância, aumentá-lo.

Finalmente, devemos notar que todos os produtores dos atuais sacos de plástico vão adaptar-se à redução da procura; eles podem utilizar as suas instalações industriais para a fabricação de outros objetos de plástico, reduzindo seus preços. O plástico não consumido na produção de sacolas plásticas vão, em seguida, acabar em outros objetos ou embalagens plásticas e os preços destes vão começar a cair.

Realmente, salvar o planeta é complicado

Você pode finalmente dizer que estes efeitos perversos são possíveis, mas não garantidos. Mas você vai perceber que não há planejamento nem estudos para tentar medir o real impacto da decisão de proibição de sacos plásticos sobre o meio ambiente. Em vez disso, estas decisões são baseadas em dados exagerados.

O jornalista Prashant Vaze tentou por um ano viver minimizando o seu impacto ambiental, e publicou um livro. Ele observou que a tarefa é extremamente complexa e contra intuitiva. A origem das mercadorias e a obsessão sobre "compra local"? Contra produtiva.

As flores que chegam por via aérea no Quênia são muito menos poluentes do que as produzidas na Holanda em estufas aquecidas com gás natural. É melhor para o planeta

importar da Nova Zelândia cordeiros criados e adaptados ao clima e bem suprido de energia hidrelétrica, do que comprar cordeiro da pastagem mais próxima, mesmo que o pasto seja uma agricultura biológica (o melhor, nesse contexto, seria reduzir significativamente o seu consumo de carne vermelha).

Usar a sua máquina de lavar louça é muito menos poluente do que lavar os pratos na mão. O leite da sua barra de chocolate, que vem de vacas da região, é mais poluente do que o chocolate importados de milhares de quilômetros; o mesmo se aplica para o leite do cappuccino em comparação com café. Em Londres, os ônibus transportam, em média, 13 passageiros, de modo que, em última instância emitem mais poluentes por passageiro transportado do que carros. Entre tantos outros exemplos.

Diante de tal complexidade, os economistas recomendam o uso do mecanismo de preços, usando, por exemplo, uma taxa sobre o Carbono. Esta seria, de uma forma descentralizada, o meio com que as empresas possam considerar produtos mais eficiente e satisfatório para reduzir o seu impacto no planeta. Nós podemos fazer muitas críticas a esta forma de pensar. Mas por enquanto, a alternativa consiste apenas em medidas com forte efeito de propaganda, de eficácia duvidosa, que permite que os políticos e cidadãos de se sentirem bem, mesmo com efeitos nulos ou contra produtivos. Tudo em nome da "temos de fazer alguma coisa."

Deve ser possível fazer melhor do que isso.

Por Alexandre Delalgue, professor de economia em Lille.

www.i-ideais.org.br info@i-ideais.org.br

+ 55 (19) 3327 3524



Associado